**fatores de risco relacionados à piora do prognóstico de pacientes com status epilepticus e crises em cluster**

**Caroline de Souza Laurentino1\*, Ana Luíza Santos Eliopoulos1, Fernanda Fausto de Lima Lobato1, João Victor Alves Santos de Mendonça1, Sophia Gia Brandão Pinto1, Renato Defelippe de Azevedo1 e Fernanda Alves2.**

*1Graduando em Medicina Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: carolisslaurentino@gmail.com*

*2Doutor em Ciência Animal – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A epilepsia é uma condição neurológica crônica que se caracteriza por crises convulsivas recidivantes, que podem ou não cursar com perda da consciência, e manifestações clínicas variáveis2,3. Uma crise epiléptica consiste em sinais clínicos decorrentes de descargas neuronais hiperssincrônicas e anormais que se mostram por meio de alterações estereotipadas e paroxísticas de comportamento, sendo, usualmente, autolimitantes1,8.

No que diz respeito à duração da manifestação de uma crise epiléptica será dado enfoque nas crises em *cluster* e no *status epilepticus*. Uma crise convulsiva em *cluster* (CS, do inglês *“cluster seizure”)* se caracteriza pela ocorrência de duas ou mais convulsões em um curto período de tempo, mas em que o animal retorna à consciência entre as convulsões1,3,5,7. Já o *status epilepticus* (SE) pode ser compreendido como uma convulsão contínua com duração de pelo menos 5 minutos ou como duas ou mais convulsões discretas sem que o animal retorne plenamente à consciência1,3,5. Cabe ressaltar que essas duas manifestações são emergências neurológicas e estão associadas a um prognóstico desfavorável, eutanásia e morte natural em pacientes epilépticos1,2,3.

Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho é elucidar os principais fatores de risco relacionados à piora do prognóstico de animais epilépticos com crises em *cluster* e/ou *status epilepticus*.

**MATERIAL E MÉTODOS**

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão literária de artigos e livros pesquisados nas plataformas SciELO, Google Acadêmico e PUBMED.

Palavras-chave: status epilepticus, crises em cluster, fatores de risco, epilepsia, cães.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Inicialmente é importante compreender que crises convulsivas prolongadas ou frequentes, como é o caso da CS e do SE, devem ser consideradas como emergências porque podem vir a causar danos graves e irreversíveis ao sistema neurológico dos animais, principalmente devido a injúria celular causada pela excitoxicidade (liberação excessiva de glutamato)6. Além disso, sistemicamente essas crises podem causar hiperglicemia, hipertensão, necrose neuronal, hipertermia, arritmias cardíacas, danos renais, acidose metabólica, entre outros danos, além de também predispor a novos episódios convulsivos6,8. Por isso, é de extrema importância conhecer os principais fatores de risco associados à evolução do prognóstico de animais epiléptico com essas manifestações, buscando, dessa forma, melhorar o prognóstico do animal.

Muitos estudos retrospectivos procuraram elencar os principais fatores de riscos associados à piora do prognóstico de animais com CS e/ou SE, e dentre eles pode-se citar: ocorrência da primeira crise convulsiva fora do intervalo idiopático definido, hipertermia e ausência de tratamento prévio com drogas antiepilépticas (DAE)2.

A idade no início da crise convulsiva fora do intervalo idiopático (de 6 meses a 6 anos) ser considerado um fator de risco pode ser explicado a partir da etiologia da atividade convulsiva2. O diagnóstico presuntivo de epilepsia idiopática está associado a ocorrência da primeira crise convulsiva entre as idades de 6 meses e 6 anos e, então, quando a atividade convulsiva é detectada pela primeira vez fora desse intervalo assume-se que é mais provável que o paciente seja afetado por uma epilepsia estrutural, sendo esse tipo de epilepsia o que possui pior prognóstico2.

Em todos os estudos pesquisados, a ausência de tratamento prévio com DAE foi considerado como um fator de risco para piora do prognóstico. Na medicina humana já é estabelecido que o início de tratamento precoce melhora o quadro de pacientes que apresentam SE e esse conceito pode ser razoavelmente estendido para a medicina veterinária2. Vale ressaltar que os pacientes que tiveram crises recorrentes antes do início do tratamento com DAE são mais propensos a desenvolver uma epilepsia farmacorresistente devido a uma alteração da sensibilidade cerebral à estímulos (chamado de efeito *kindling*)2, principalmente no casos de pacientes com CS4. Uma justificativa plausível para essa ausência de tratamento, apesar do histórico de crises convulsivas, poderia ser a falta de conhecimento do tutor em relação ao manejo de um animal epiléptico ou uma frequência muito baixa de episódios convulsivos2.

Por último, um parâmetro clínico estreitamente associado a piora do prognóstico em pacientes epilépticos que apresentam SE e/ou CS é a temperatura retal. A hipertermia é resultado de uma contração muscular grave secundária a atividade convulsiva e quanto maior for a duração da convulsão mais a temperatura do animal se eleva, o que piora drasticamente sua condição clínica3. Além disso, contrações musculares prolongadas associadas à hipertermia podem levar ao desenvolvimento de rabdomiólise e mioglobinúria, que podem comprometer a função renal principalmente quando associados à hipotensão e acidose metabólica grave2.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, percebe-se que pacientes epilépticos que apresentam SE e/ou CS podem estar mais predispostos a um prognóstico muito desfavorável quando se considera, principalmente, o início de tratamento tardio e a ausência de um controle adequado da temperatura do animal durante a crise convulsiva.

Frequentemente a decisão pela eutanásia de um animal epiléptico se baseia na persistência de uma atividade convulsiva incontrolável mesmo com tratamento ou na piora da condição neurológica do animal, que poderia ter sido melhor controlada se os fatores de risco citados acima tivessem sido considerados desde o princípio.

Além disso, o comportamento do tutor em relação ao quadro do animal, a sua situação financeira e estilo de vida também podem influenciar, de forma positiva ou não, no tratamento antiepiléptico oferecido ao animal, bem como ao relato do histórico de crises convulsivas2.

**APOIO:**

****